

---

## Esporte Universitário: Raça, Gênero, Representatividade e Inclusão Social

### University Sport: Race, Gender, Representativity and Social Inclusion

Marcio Chaves Vicente Ferreira<sup>1</sup>, Guilherme Corrêa Ferreira<sup>1</sup>, Shirléia dos Santos Peixoto<sup>2</sup>  
José Jairo Vieira<sup>1\*</sup>

---

#### RESUMO

O Esporte Universitário surgiu no Brasil na década de 1930, com o objetivo de complementar a vida acadêmica dos alunos principalmente através de atividades desportivas. Atualmente ele mantém uma estrutura de competições internacionais, nacionais, estaduais e mesmo intra instituição, mas, para que essas competições ocorram, necessita apoio e organização por parte da universidade. Um dos componentes dessa organização são as atléticas, que são associações que abrangem um ou mais cursos da faculdade. Esse artigo analisa a percepção dos presidentes das Atléticas Acadêmicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro sobre raça, gênero, representatividade e inclusão social no Esporte Universitário. Para tanto foram realizadas entrevistas com presidentes de 23 atléticas da universidade. Os dados obtidos com a pesquisa nos permitem considerar que existem muitas situações de discriminação racial, gênero e lgbt+fobia no esporte universitário da mesma forma que no restante da sociedade brasileira. Mas ao entendermos que se trata de um espaço universitário, é necessário refletirmos sobre a falta do debate quanto a esses temas na formação dos universitários.

**Palavras-chave:** Esporte Universitário; Raça; Gênero; Inclusão Social; Representatividade;

---

#### ABSTRACT

University Sports emerged in Brazil in the 1930s, with the aim of complementing the academic life of students mainly through sports activities. Currently he maintains a structure of international, national, state and even intra-institution competitions, but, for these competitions to occur, he needs support and organization from the university. One of the components of this organization are the athletic ones, which are associations that cover one or more college courses. This article analyzes the perception of the presidents of Academic Athletics at the Federal University of Rio de Janeiro about race, gender, representativeness and social inclusion in University Sports. To this end, interviews were conducted with presidents of 23 university athletes. The data obtained with the research allow us to consider that there are many situations of racial, gender and LGBT + phobia discrimination in university sports in the same way as in the rest of Brazilian society. But when we understand that it is a university space, it is necessary to reflect on the lack of debate on these themes in the training of university students.

**Keywords:** University Sports; Race; Gender; Social Inclusion; Representativeness;

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro

\*E-mail: diversidade.desigualdade.educa@gmail.com

<sup>2</sup> Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro

## INTRODUÇÃO

O Esporte Universitário é um fenômeno surgido a partir da iniciativa dos estudantes com o intuito de que eles tenham um melhor aproveitamento acadêmico, com experiências diferentes daquelas obtidas em uma sala de aula, por meio do esporte.

Nos últimos anos o crescimento do Esporte Universitário, no cenário nacional, deve-se ao surgimento de novas Universidades (públicas e privadas), a criação de Associações Atléticas Acadêmicas de diferentes cursos e ao surgimento de empresas esportivas especializadas nesse ramo.

Tendo em vista a escassez de estudos publicados sobre o tema, tornam-se necessárias, e é uma das maiores indagações para a elaboração desse artigo, as discussões sobre raça, gênero, inclusão e representatividade no Esporte Universitário. Tendo como justificativa que são temas da sociedade que, regularmente e de forma menos mascarada, são vivenciados pelos estudantes e é papel da universidade ser um espaço de aprendizado e desconstrução.

Para essa pesquisa foi utilizada a metodologia teórico-empírica. No qual foi feito um levantamento de literatura sobre os temas e, posteriormente, entrevistas online com presidentes de 23 Associações Atléticas Acadêmicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Utilizando a percepção desses alunos para a elaboração do artigo.

## ESPORTE UNIVERSITÁRIO E AS QUESTÕES SOCIAIS: RAÇA, GÊNERO E INCLUSÃO

Esse item traz as principais categorias a serem utilizadas como referencial teórico do artigo, como: Esporte Universitário; Raça e Esporte; Gênero e Esporte e Inclusão Social, Representatividade e Esporte.

### **Esporte Universitário**

Hatzidakis (1993), De Castro Aguiar e Dos Santos (2018) definiram o esporte universitário como um fenômeno social que visa atender as necessidades de troca entre os alunos, sejam elas acadêmicas, físicas, culturais ou sociais.

Para que seja possível compreender esse fenômeno social precisamos ver os dois cenários de seu surgimento: o primeiro no âmbito internacional e o segundo no nacional.

O esporte universitário surgiu através da iniciativa dos próprios estudantes, que praticavam esportes desde a fundação das mais antigas universidades. Mesmo que o esporte ou as atividades físicas não fizessem parte do programa de seus respectivos cursos (RENSON, 1999; MARQUES, 2019).

Segundo Galien (2004) e Marques (2019) foi na Grã-Bretanha que surgiram as primeiras competições e entidades institucionais responsáveis pelo esporte universitário, tudo com a iniciativa e gerência dos alunos.

Porém foi nos Estados Unidos onde foram criadas as primeiras federações para o esporte universitário. Sendo as suas universidades pioneiras no incentivo oferecendo programas esportivos aos estudantes, reconhecendo e valorizando os benefícios educacionais e extracurriculares desse fenômeno que, além de esportivo, também é social. Onde, até hoje, o modelo americano é muito popular e tem cobertura das mídias televisivas. Sendo, o esporte universitário, visto como um programa importante na formação de atletas de alta performance e é considerado como parte da carreira profissional dos alunos (VELOSO, 2005; GOLAÇO e FLECK, 2009; PARENTE, 2011; MARQUES, 2019).

No Brasil, compreende-se de que os primeiros registros da criação de instituições esportivas universitárias surgiram nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo, também por parte dos estudantes (PESSOA e DIAS, 2019; MARQUES, 2019). Sendo que, naquela época só tinha acesso às universidades os filhos da elite da sociedade brasileira, tanto econômica quanto política (PESSOA e DIAS, 2019).

Na década de 1930, foi criado no Rio de Janeiro a primeira federação esportiva universitária do Brasil, popularmente conhecida como FAE (Federação Atlética dos Estudantes). Além dessa entidade, surgiram mais duas organizações: a FUPE (Federação Universitária Paulista de Esportes) e a FUME (Federação Universitária Mineira de Esportes). Essas instituições acadêmicas organizavam diversas competições em instalações de diferentes clubes (PESSOA e DIAS, 2019; FISBERG e MARCHIONI, 2012).

O esporte universitário tinha uma relação consolidada com os jornais reconhecidos da época, que deixavam claro o quão forte era o movimento acadêmico, publicando notícias como “competições atléticas férteis”, eventos de “extraordinário êxito” e “lutas esportivas gigantescas e emocionantes” (PESSOA e DIAS, 2019).

Apesar do Estado oferecer apoio para a realização de alguns eventos esportivos universitários, a criação de federações esportivas, a organização de competições e gestão das entidades voltadas ao esporte foram iniciativas dos alunos. E sem essas iniciativas, talvez o esporte universitário no Brasil não tivesse ganhado a visibilidade do governo a ponto de, em meados do século XX, surgirem as primeiras políticas públicas esportivas por parte do Estado (PESSOA e DIAS, 2019).

De modo geral, o esporte universitário surgiu com o intuito de que os estudantes tivessem maior aproveitamento acadêmico. Pois, através do esporte é possível melhorar o controle da ansiedade, criatividade, concentração, aumentar a disposição para realizar atividades cotidianas e ajuda no desenvolvimento cognitivo (POLISSENI, 2014). Além de possibilitar uma extensão universitária, em que os estudantes têm a oportunidade de fazer novas amizades (sejam elas na mesma instituição ou não) e conhecer outras cidades e culturas, através das viagens e jogos universitários (PEDROSO, 2020).

Sem contar que os jogos universitários são responsáveis por movimentar milhões de reais na economia e geram inúmeros empregos em setores como alimentação, transporte e hospedagem nas cidades que sediam as competições (LIMA e DALPERIO, 2019).

Atualmente, diferente do que foi no passado, o esporte universitário brasileiro passa por um momento de pouco investimento institucional. Em que se tem poucas políticas públicas para o crescimento desse fenômeno social (VIEIRA, 2010).

### **Raça e Esporte**

O termo raça é usado para distinguir e caracterizar qualquer conjunto de pessoas pertencentes a um grupo com marcas físicas em comum. São essas marcas: a cor da pele, formato da cabeça, tipo de cabelo, etc.

As discussões de raça são caso antigo na sociedade e, principalmente, no esporte onde remete-se sempre a cor da pele dos indivíduos. Visto que, historicamente, o esporte sempre foi um meio para que os negros pudessem ascender socialmente. Porém, esse processo sempre foi marcado pela ideologia racista, seja por ofensas ou até mesmo por estereotipar os sujeitos (SILVA, 2017).

Para Farmer (2005), o racismo institucional configura o tratamento diferenciado entre raças em organizações, empresas ou instituições. Gerado em contextos, historicamente construídos, de relações desiguais de poder (político, econômico, etc.).

No Brasil, quando falamos da participação do negro no esporte, logo remetemos ao esporte mais popular do país, o futebol. Visto que, a sua participação só foi possível graças a uma democratização social e racial na composição dos times, numa época elitista em que só jogavam os funcionários de mais status nas equipes das empresas (VIEIRA, 2010).

Segundo Vieira (2010) um time importante e pioneiro para as questões raciais no esporte brasileiro foi Club de Regatas Vasco da Gama, que foi o primeiro clube brasileiro a permitir atletas negros na equipe. Contrariando a sociedade elitista da época e gerando reflexões.

O esporte universitário não fica distante das discussões sobre raça e representatividade negra. Pois, como as universidades surgiram com membros da elite da sociedade brasileira da época (PESSOA e DIAS, 2019). E, mesmo, com o possível acesso e entrada de estudantes negros com o tempo, atualmente ainda vemos pouca representatividade dessa parcela da população e muitos casos de discriminação racial tanto na faculdade quanto em jogos universitários.

Paralela a essa perspectiva, tanto no meio acadêmico quanto na sociedade, as discussões sobre raça e racismo estão presentes em diferentes vertentes e se renovam a cada ano (ANUNCIACÃO, FERREIRA e TRAD, 2020).

### **Gênero e Esporte**

Historicamente, as relações entre gênero e esporte na nossa sociedade foram e, ainda, são marcadas como um campo gerador de preconceitos, desigualdades e conflitos. Onde a sociedade, por meio do esporte, sempre reproduziu práticas e discursos desiguais de gênero, definindo o

corpo como masculino e feminino. E, se apropriando desse pensamento, para gerar críticas quanto a participação da mulher no esporte. Com a alegação de que as deixaria menos femininas, podendo comprometer a sua integridade física como mulher e colocar em risco a sua fertilidade (ZAFERINO e SALLES, 2009).

Assim como na sociedade, o cenário do esporte universitário também foi e, ainda é caracterizado por inúmeras desigualdades de gênero, quanto ao apoio da prática esportiva e o protagonismo feminino (como atletas e dentro das gestões acadêmicas). Pois o esporte universitário sempre foi um ambiente, predominantemente, masculino (ZAFERINO e SALLES, 2009; ZAFERINO et al., 2013).

Os avanços para a participação esportiva de mulheres na sociedade e no meio acadêmico, foi graças aos movimentos surgidos no final do século XIX. Em que mulheres reivindicavam igualdade de gênero na vida econômica, social e política. E, também, desafiavam a sociedade da época para que fossem inseridas no esporte (ZAFERINO e SALLES, 2009; ZAFERINO et al., 2013).

Quando o gênero feminino no esporte a declaração no The Brighton Declaration on Women and Sport (1974) diz que as atitudes, valores e experiências que as mulheres possuem podem agregar muito ao esporte: o enriquecendo, elevando e desenvolvendo. Da mesma forma de que a sua participação no esporte pode agregar muito na vida das mulheres.

Apesar da luta histórica pela representatividade e conquistando, com o passar dos anos, mais participação no esporte. No meio universitário e, na sociedade, mulheres ainda são atingidas pelos preconceitos (machismo) no esporte, pelas formas desiguais de apoio, visibilidade e incentivo de práticas esportivas e pelo modo de como é visto o seu protagonismo na gestão das A.A.As, etc. (ZAFERINO et al., 2013).

### **Inclusão Social, Representatividade e Esporte**

Inclusão social é o conjunto de fatores que visam dar a todas as pessoas, sem distinção, os mesmos direitos e oportunidades. Principalmente para aquelas que pertencem aos grupos menos favorecidos da sociedade, como: as de baixa renda, deficientes físicos, negros, indígenas, mulheres, LGBTQI+, etc.

Ao longo dos anos, o esporte tem sido um grande meio de inclusão e representatividade social. Porque, além dos benefícios físicos, por meio dele as pessoas são capazes de conviver em grupo e respeitar o próximo, independentemente de suas diferenças.

As discussões sobre inclusão de gênero e identificação de corpo tem ganhado grande visibilidade e espaço atualmente, principalmente no meio esportivo. Para Gashc-Gallén (2020), o termo correto a ser utilizado pela população mundial para representar todas as formas afetivos sexuais é DASCg (diversidade de orientações afetivo-sexuais, expressões / identidades de gênero

e características / desenvolvimentos sexuais, referentes a lésbicas, gays e bissexuais, pessoas trans e pessoas intersexuais).

Dois precursores da inclusão social, pelo viés do esporte mais popular no Brasil, foram o Bangu Atlético Clube e o Club de Regatas Vasco da Gama. Um pela democratização social e o outro pela democratização racial, permitindo em seus times jogadores que não representavam a elite da época (operários e negros) e conquistando bons resultados nos campeonatos, mesmos com as críticas (VIEIRA, 2010).

Outros exemplos de inclusão e representatividade na sociedade brasileira, foram Maria Lenk em 1932, nos Jogos Olímpicos de Los Angeles (ZAFERINO e SALLES, 2009), e Melânia Luz dos Santos em 1948, nos Jogos Olímpicos de Londres (DE FARIAS, 2019).

Maria Lenk foi uma nadadora e a primeira mulher a representar o Brasil e a América do Sul em uma competição olímpica, no meio de 60 homens (ZAFERINO e SALLES, 2009). E Melânia Luz foi uma velocista, especializada nas provas de 100 e 200 metros rasos de corrida, e a primeira mulher negra brasileira a participar das Olimpíadas (FARIAS, 2019).

Ambas, por serem pioneiras no protagonismo de gênero no país, deixaram legados que possibilitaram que outras mulheres brasileiras e negras, de diversas modalidades esportivas, também trilhassem seus caminhos no esporte e fossem atletas olímpicas. Como o caso da Marta, Cristiane, Delma Gonçalves e Formiga, no futebol; Daiane dos Santos, na ginástica olímpica; Sarah Menezes, no judô; Fofão, Walewska, Valesquinha e Sassá, no vôlei; e Janeth, no basquete.

Apesar da representatividade no esporte ter aumentado com o tempo na sociedade e no meio acadêmico, ainda existem muitos preconceitos e muito a evoluir nesse quesito. Porque o percentual dos grupos minoritários (negros, mulheres, LGBTQ+), no esporte, ainda é muito baixo comparado ao das classes mais favorecidas da sociedade. Sejam por incentivos desiguais, falta de apoio, falta de visibilidade e as baixas condições de acesso, tanto a centros esportivos quanto à faculdade (que se reflete no esporte universitário).

## O QUE DIZEM AS ATLÉTICAS DA UFRJ

No dia 7 de setembro de 1920, por meio do decreto nº 14.343, foi oficializada a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), sendo a primeira instituição de ensino superior federal. (FÁVERO, 2006). Formada por uma variedade de cursos, onde também comporta estudantes da pós graduação, mestrado, doutorado e outras categorias de títulos. (UFRJ, 2019)

Inicialmente a UFRJ surgiu a partir de 3 escolas profissionalizantes de cursos renomados da época, como: a Escola Politécnica, a Faculdade de Medicina e a Faculdade Nacional de Direito (FÁVERO E LIMA, 2006).

Atualmente, em sua estrutura ela engloba quatro campus (Cidade Universitária, Praia Vermelha, Macaé e Complexo Avançado de Xerém) e mais sete institutos, faculdades e instalações fora dos campi: o Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, o Instituto de História, a

Faculdade Nacional de Direito, a Escola de Música, o Museu Nacional, o Observatório do Valongo e o Colégio de Aplicação da UFRJ (UFRJ, 2020).

Dentro dos campus do município do Rio de Janeiro, onde estão localizados a maior parte dos cursos, a UFRJ possui aproximadamente 23 Associações Atléticas Acadêmicas.

Entre essas Atléticas as mais antigas são os dos cursos de Engenharia, Medicina e Direito. Visto que foram as primeiras escolas da universidade a serem criadas e, sendo assim, as primeiras a terem registros em competições universitárias desde o surgimento e crescimento do Esporte Universitário no Brasil. As outras 20 A.A.As são bem mais novas se comparadas a elas, tendo uma média de 5-6 anos de existência.

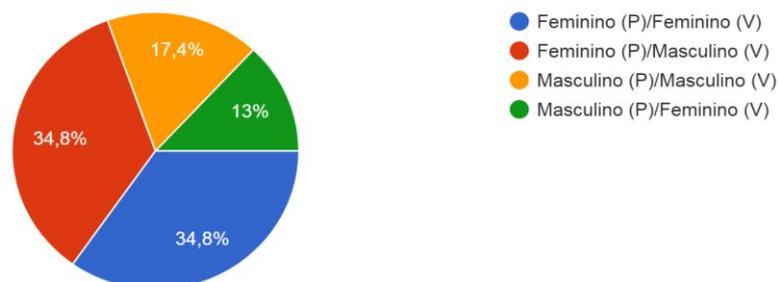
Essas entidades acadêmicas estão espalhadas por todos os campus da universidade e são dirigidos pelos alunos, que buscam aproveitar tudo que o esporte universitário pode lhes proporcionar e representar seus respectivos cursos.

### **Gênero dos presidentes e vice-presidentes**

Uma característica importante ao analisarmos as atléticas diz respeito ao perfil de seus presidentes. O gráfico 01, traz a composição de gênero nas gestões das atléticas.

**Gráfico 01** - Composição de gênero da presidência (presidentes e vice-presidentes) das atléticas.

23 respostas



Fonte: Sistematizado com os dados da pesquisa pelos autores.

Nota-se a representatividade feminina nas atléticas universitárias, principalmente dentro das gestões. Algo que, pela história do esporte e esporte universitário, vem sendo desconstruído nesse meio.

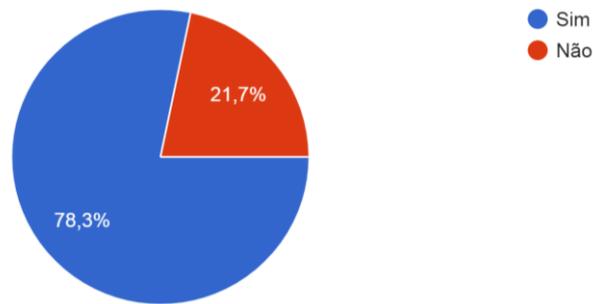
Das entidades entrevistadas, 69,6% delas são presididas por mulheres.

### **Vocês têm o controle do quantitativo de associados?**

O gráfico 02 mostra um fator importante para a continuidade da pesquisa, pois mostra se as entidades acadêmicas possuem um controle do quantitativo de membros.

**Gráfico 02** - Controle do quantitativo de membros associados.

23 respostas



Fonte: Sistematizado com os dados da pesquisa pelos autores.

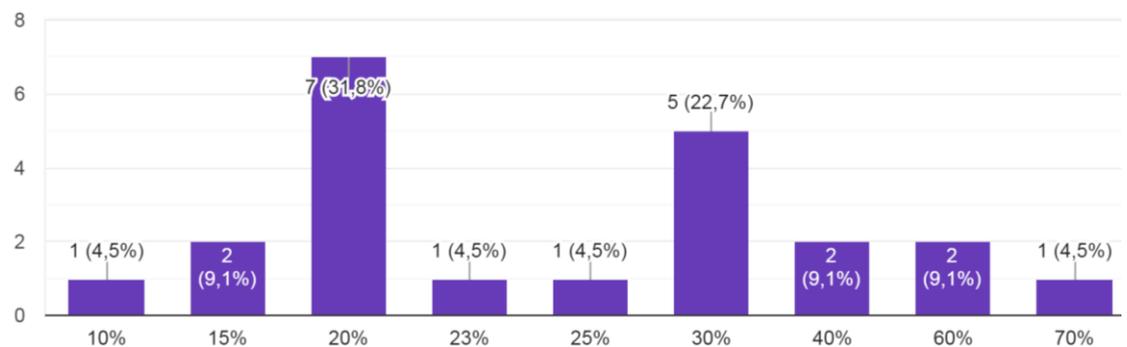
Foi possível notar que 78,3% das entidades acadêmicas entrevistadas de alguma forma têm um registro de dados dos seus membros associados.

### O percentual de associados negros nas Atléticas

O percentual de associados de cor de pele preta nas atléticas é relatado através do gráfico 03.

**Gráfico 03** - Percentual de negros nas Atléticas

22 respostas



Fonte: Sistematizado com os dados da pesquisa pelos autores.

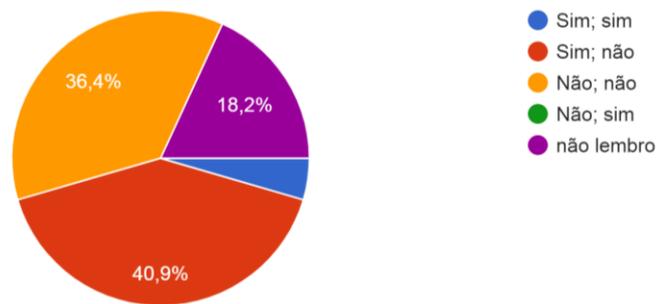
Segundo as estatísticas do relato dos presidentes das entidades, em média apenas 29,45% dos membros são negros.

### Tem ou já tiveram casos de racismo nos jogos em que vocês participam ou, até mesmo, dentro da atlética?

O gráfico 04 mostra o relato da presidência das entidades acadêmicas quanto a existência de casos de racismo nos jogos universitários e dentro das atléticas.

**Gráfico 04** - Casos de racismo em jogos universitários e dentro das atléticas.

22 respostas



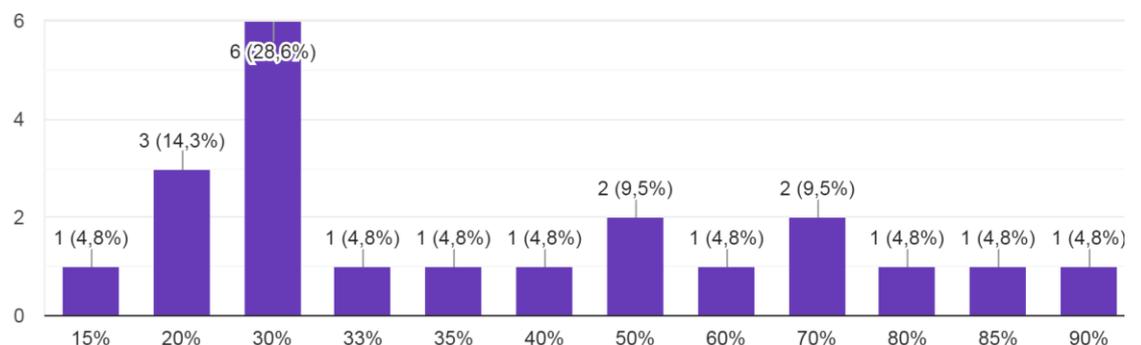
Fonte: Sistematizado com os dados da pesquisa pelos autores.

Segundo os dados, 45,4% dos estudantes já presenciaram casos de racismo em competições e jogos universitários em que participaram. E que dentro das suas próprias atléticas o percentual de casos já ocorridos são de 4,5% e 77,3% nunca tiveram histórico de racismo relatados. 18,2% responderam que não se lembram de casos ocorridos dentro da entidade nem nas competições universitárias.

### O percentual de associados LGBTQ+ na Atlética

**Gráfico 05** - Percentual de associados lgbtqi+.

21 respostas



Fonte: Sistematizado com os dados da pesquisa pelos autores.

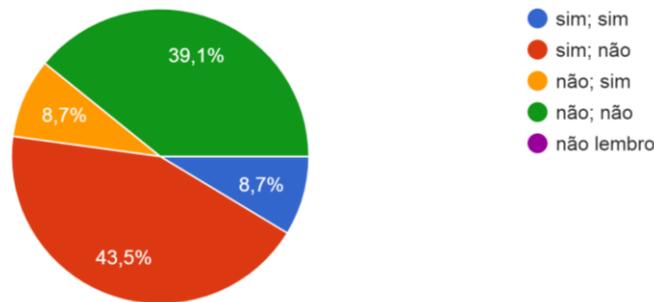
De acordo com as estatísticas do gráfico 05, 43,71% dos membros das Atléticas da UFRJ fazem parte do grupo LGBTQ+.

### Tem ou já tiveram casos de LGBTQ+fobia nos jogos em que vocês participam ou, até mesmo, dentro da atlética?

O gráfico 06 mostra o relato da presidência das entidades acadêmicas quanto a existência de casos de lgbtqi+fobia nos jogos universitários e dentro das atléticas.

**Gráfico 06** - Casos de lgbtqi+fobia nos jogos universitários e dentro das atléticas acadêmicas.

23 respostas



Fonte: Sistematizado com os dados da pesquisa pelos autores.

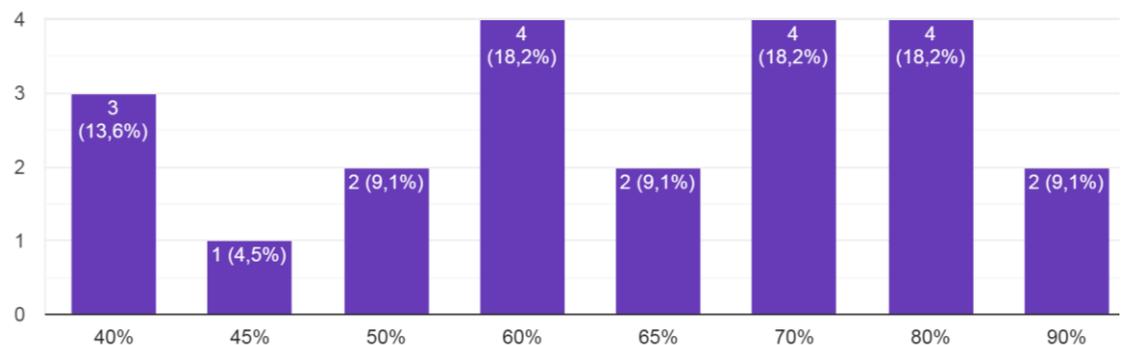
52,2% é o percentual de casos de lgbtqi+fobia já presenciados pelos entrevistados nas competições e jogos universitários. Dentro de suas próprias atléticas 17,4 é percentual de casos já ocorridos e 82,6% disseram que nunca ocorreu dentro das gestões ou nunca foram relatados.

### O percentual de associadas mulheres na Atlética

O gráfico 07 mostra o quantitativo de associadas mulheres dentro das associações atléticas acadêmicas.

**Gráfico 07** - Percentual de mulheres nas atléticas.

22 respostas



Fonte: Sistematizado com os dados da pesquisa pelos autores.

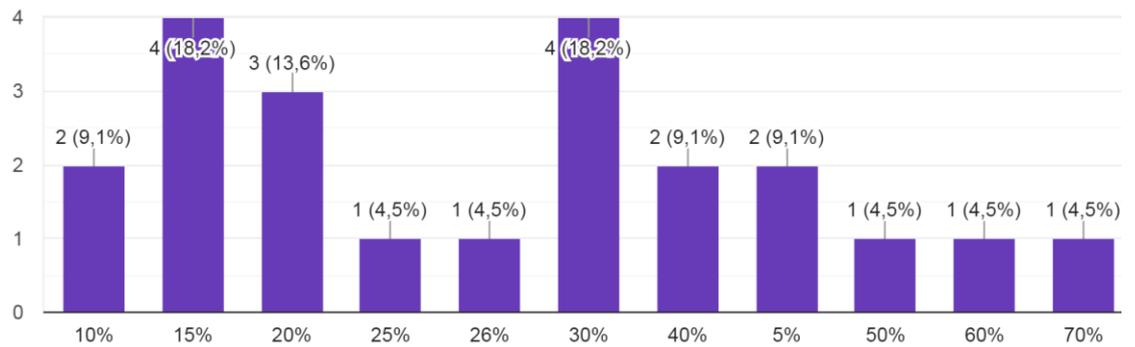
Nota-se que, em média, 64,31% dos membros das atléticas são mulheres, ou seja, mais da metade dos membros. E esse percentual retrata o quanto cada vez mais as mulheres estão ocupando esse espaço.

### Do quantitativo de mulheres, o percentual de mulheres negras

Através do gráfico 08 podemos notar o percentual de mulheres negras dentro das associações atléticas acadêmicas da UFRJ.

**Gráfico 08** - Percentual de mulheres negras nas atléticas.

22 respostas



Fonte: Sistematizado com os dados da pesquisa pelos autores.

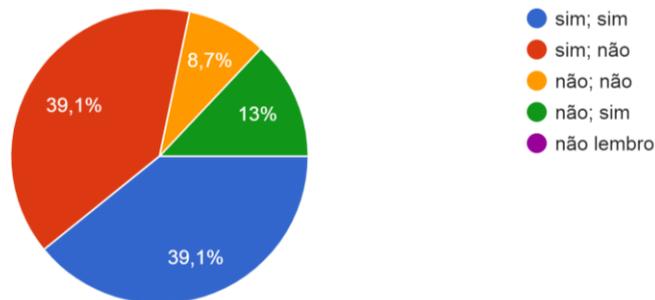
Do quantitativo de mulheres dentro das A.A.As apenas 26,40% são mulheres negras.

### Existem casos de machismo nos jogos em que vocês participam ou, até mesmo, dentro da Atléctica?

O gráfico 09 mostra o relato da presidência das entidades acadêmicas quanto a existência de casos de machismo nos jogos universitários e dentro das atléticas.

**Gráfico 09** - Casos de machismo nos jogos universitários e dentro das atléticas.

23 respostas



Fonte: Sistematizado com os dados da pesquisa pelos autores.

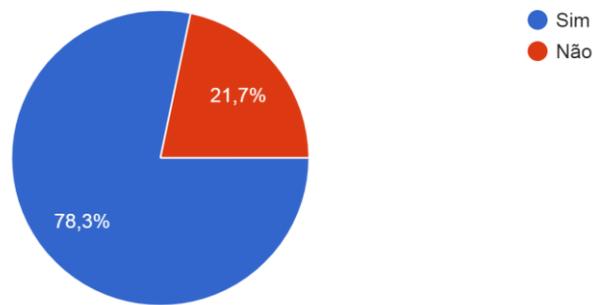
78,2% dos entrevistados relataram que já presenciaram casos de machismo nas competições e jogos universitários. 52,1% relataram que já ocorreram casos de machismo dentro das próprias atléticas e 47,8% relataram que nunca ocorreram tiveram casos ou nunca foram relatados.

### Dentre as modalidades disputadas existem equipes mistas?

Através do Gráfico 10 é possível saber da existência de equipes mistas entre as modalidades esportivas disputadas pelas entidades acadêmicas.

**Gráfico 10** - Existência de equipes mistas.

23 respostas



Fonte: Sistematizado com os dados da pesquisa pelos autores.

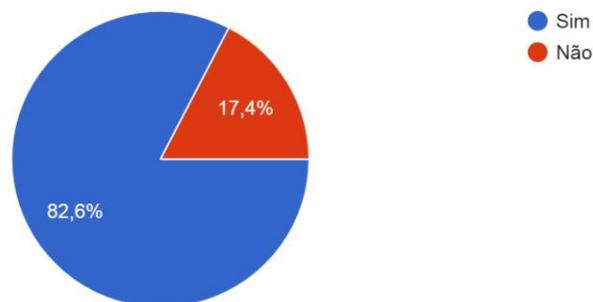
78,3% relataram que existem equipes mistas dentro de suas A.A.As. Sendo observado que 100% dos que responderam positivamente falaram que a modalidade mista é o Cheerleading. Um esporte, relativamente, novo no Brasil e que vem ganhando cada vez mais visibilidade no cenário nacional.

### **Vocês consideram que as atléticas promovem ou estimulem a inclusão social?**

O gráfico 11 mostra a opinião dos estudantes quanto ao esporte universitário e as atléticas promoverem a inclusão social entre os atores que compõe esse fenômeno social.

**Gráfico 11** - Atléticas promoverem a inclusão social.

23 respostas



Fonte: Sistematizado com os dados da pesquisa pelos autores.

Nota-se que 82,6% dos entrevistados responderam que as atléticas promovem a inclusão social.

Segundo a presidente da Associação Atlética Unificada de Ciências da Saúde: “As Atléticas da UFRJ já tem a questão da inclusão enraizado, até mesmo pela história da Universidade, pelos movimentos estudantis Centros Acadêmicos estarem ligados a isso. Apesar de algumas não serem tanto ou terem alguns problemas, no geral são inclusivas sim.”

E 17,4% responderam que é função tanto das atléticas quanto do esporte universitário promover a inclusão social, mas que isso ainda não foi alcançado.

Segundo o presidente da Associação Atlética Acadêmica de Nutrição da UFRJ: “Eu sei que o foco das Atléticas, esportivamente, é ganhar. Todo mundo quer levar o troféu de campeão geral para casa. Mas se eu tenho uma pessoa que, mesmo não sendo bom na modalidade, paga a

mensalidade em dia, se compromete com os treinos, está super empenhada e, apenas porque ela não é boa, o meu foco de vencer chega a ser muito maior do que incluir ela. Isso é um primeiro ponto e acontece em muitas Atléticas. E pra mim isso já não é uma inclusão. Outro ponto, que até já tiveram muitas denúncias, é que acontece muito racismo, muita LGTBI+fobia (até mesmo em jogos com os gritos e músicas das torcidas) dentro das atléticas. E além dos linchamentos nos jogos, também não há inclusão dessas pessoas nos times nem nas diretorias.

### **O que poderia ser feito para melhorar a qualidade do esporte universitário no Rio de Janeiro?**

A maioria dos alunos entrevistados relataram que poderia ter um apoio da própria Universidade para com as atléticas e com o esporte universitário e melhores estruturas de locais para treinos e competições.

Segundo um dos presidentes da Atlética de Comunicação e Artes: ``Um maior suporte das próprias universidades para com o esporte universitário. Que existisse, por parte do poder público, leis de incentivo ao esporte universitário assim como existem para os esportes amadores e profissionais. E facilitar para que as Atléticas tivessem recursos através desse tipo de lei seria um grande passe para que crescessem e se tornassem mais inclusivas, seria mais barato para os participantes da delegação.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente artigo teve como foco os estudos sobre raça, gênero, representatividade e inclusão social no meio do Esporte Universitário. Com isso, percebeu-se do quão precárias e necessárias são as discussões sobre tais temas, tão importantes para a sociedade e para evolução desse fenômeno esportivo e social.

Com a pesquisa de campo foi possível notar o quão importante foram as indagações geradas aos entrevistados, onde os próprios se chocaram com algo tão simples e que muitas das vezes não são percebidos.

Por mais que 82,6% dos entrevistados consideram que as Atléticas e o Esporte Universitário promovem a inclusão social, atualmente ele ainda é elitista. E isso é confirmado pelo estudo onde nota-se que o percentual dos grupos menos favorecidos da sociedade ainda é minoria dentro das atléticas e nos jogos universitários. E isso deve-se ao fato de que, mesmo com as políticas públicas de cotas, eles são minorias dentro das Universidades.

Sem contar que são muitos os relatos de casos de machismo (78,2%), lgbtqi+fobia (52,2%) e racismo (45,4%) nos jogos universitários. Algo que atualmente a maioria das empresas que trabalham com o esporte universitário têm criado comissões para combater os casos de opressões, chegando a expulsar das suas competições as Atléticas e pessoas envolvidas nesse atos e aconselhando que as vítimas também denunciem para a polícia, pois são crimes.

Notou-se também que, pela maioria das A.A.As da UFRJ serem relativamente novas, média de 5 a 6 anos de existência, e pelo histórico de luta da Universidade nos movimentos estudantis e sociais, as gestões das entidades já nascem com um pensamento de incluir todos os alunos, lutar contra as opressões dentro das entidades e nas competições e, desconstruir a imagem que as pessoas têm das Atléticas.

Algo que, praticamente, 100% dos entrevistados relataram que poderiam ser medidas para que o esporte universitário seja cada vez mais inclusivo são o reconhecimento e o apoio da própria Universidade para que as A.A.As sejam instituições reconhecidas. Pois com isso aumentariam as chances de conseguir patrocínios e que, com apoio financeiro, facilitaria com que fosse mais barato para que todos os alunos, principalmente os em condições mais vulneráveis, pudessem também participar das competições e jogos/viagens universitários(as).

Segundo o aluno de Nutrição UFRJ entrevistado: ``Outra coisa que falta é apoio financeiro, de acreditar que o Esporte Universitário tem algumas funções: 1ª- na vida do aluno; 2ª- no nome da Universidade. Porque o esporte universitário leva o nome da Universidade para além de seus muros e que, quando a gente consegue troféu, a faculdade gosta e bate palma para isso. Mas a verdade é que os alunos conquistaram isso sozinhos, porque não teve nenhum apoio da coordenação.

## REFERÊNCIAS

ANUNCIÇÃO, D.; TRAD, L. A. B.; FERREIRA, T. **“Mão na cabeça!”: abordagem policial, racismo e violência estrutural entre jovens negros de três capitais do Nordeste**. São Paulo, 2020.

AGUIAR, E. E. C.; SANTOS, W. C.. **Percepção do Controle Gerencial em Associações Atléticas Acadêmicas Universitárias**. In: Anais do encontro de gestão e Negócios, Uberlandia-MG, 2018.

FARIAS, C. M.. Entre diferenças e desigualdades. **Canoa do Tempo**, v. 11, n. 2, p. 77-98, 2019.

DECLARATION, Brighton. **International Working Group on Women and Sport The Brighton Declaration on Women And Sport**. Dumazedier J (1974). *Sociology of Leisure*. 1994.

UFRJ. ESTATUTO da UFRJ. 2019. Disponível em: <https://ufrj.br/estatuto-da-ufrj>. Acesso em: 03, Julho, 2020.

FARMER, P. **Pathologies of Power: Health, Human Rights and the New War on the Poor**. University of California Press; Berkeley: 2005

FISBERG, R. M.; MARCHIONI, D. M. L. **Manual de avaliação do consumo alimentar em estudos populacionais: a experiência do inquérito de saúde em São Paulo**. 2012.

FÁVERO, M. L. A. A suposta outorga do título de doutor honoris causa ao rei da Bélgica e a criação da Universidade do Rio de Janeiro. **Revista Educação e Sociedade Brasileira**, Brasília, v. 26, n. 53, p. 81-103, jul./dez. 2004.

FÁVERO, M. L. A.; LIMA, H. I. A Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ): origens, construção e desenvolvimento. **A Universidade no Brasil: concepções e modelos**, p. 65, 2006.

GASHC-GALLÉN, Á. et al. Diversidade afetivo- sexual, corporal e de gênero além do binarismo na formação em ciências da saúde. **Gaceta Sanitária**, 2020.

HATZIDAKIS, G. **Perfil da atividade esportiva principal de atletas universitários participantes de competições esportivas universitárias oficiais**. Monografia UNIFEC São Caetano do Sul, 1993.

HATZIDAKIS, G.. Esporte universitário. Internet. Disponível em: <http://www.atlasesportebrasil.org.br/textos/72.pdf>. Acessado em: 20ago.2020.

LIMA, M. G.; DALPERIO, H. C. ASSOCIAÇÕES ATLÉTICAS ACADÊMICAS E A CULTURA DO LAZER UNIVERSITÁRIO. **Encontro Internacional de Gestão, Desenvolvimento e Inovação (EIGEDIN)**, v. 3, n. 1, 2019.

MARQUES, M. F. **Escala de identidade acadêmica e atlética (AAIS-Br): adaptação e evidências de validade para a população universitária brasileira.** Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2019.

PESSOA, V. L. De F.; DIAS, Cleber. HISTÓRIA DO ESPORTE UNIVERSITÁRIO NO BRASIL (1933-1941). **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, v. 25, p. 25016, 2019.

POLISSENI, M. L. C. Exercício físico como fator de proteção para a saúde em servidores públicos. **Rev Bras Med Esporte**, v. 20, n. 5, set/out, 2014.

SILVA, L. F. R. et al. Aspectos relevantes sobre o racismo e a injúria racial no esporte: caminhos de desconstrução. **REVISTA DE ESTUDOS AFRO-AMERICANOS**, v. 6, n. 1, p. 60-69, 2017.

UFRJ. História. Disponível em: <<https://ufrj.br/historia>>. Acesso em 29mai.2020.

VIEIRA, José Jairo. **O Negro e o Esporte Universitário: o aluno/atleta como uma estratégia de permanência na Universidade Pública e Privada.** In: Trabalho | Apresentado no GT 21 - Educação e Relações Étnico-raciais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação - ANPED, 2010, Caxambú - MG. Anais do 33 Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação - ANPED. CAXAMBÚ - MG: ANPED, 2010.

ZEFERINO, Jaqueline Cardoso; BARLETTO, Marisa; DO CARMO SALLES, José Geraldo. A participação de mulheres no esporte universitário: um campo em disputa. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, v. 19, n. 2, p. 11-30, 2013.

TAIZ, L.; ZEIGER, E. **Fisiologia Vegetal.** 4ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

*Recebido em: 12/03/2022*

*Aprovado em: 15/04/2022*

*Publicado em: 29/04/2022*